LUMEN ET VIRTUS
ISSN: 2177-2789

ENTRE A INFÂNCIA E A PSICOPATIA: DESVENDANDO O TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL EM JOVENS – UMA REVISAO SISTEMÁTICA

BETWEEN CHILDHOOD AND PSYCHOPATHY: UNRAVELING ANTISOCIAL PERSONALITY DISORDER IN YOUNG PEOPLE – A SYSTEMATIC REVIEW

ENTRE LA INFANCIA Y LA PSICOPATÍA: DESVELANDO EL TRASTORNO DE PERSONALIDAD ANTISOCIAL EN LOS JÓVENES: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA

https://doi.org/10.56238/levv16n49-028

Data de submissão: 09/05/2025 **Data de publicação:** 09/06/2025

Vicente Leonides Prado Junco
Graduado pela Universidade de Ciências Médicas da Havana, Faculdade de Medicina Calixto Garcia- UCMH- FCM
E-mail: sedinoel1979@yahoo.com.br

Juan Monteiro di Brandimarte Rodrigues
Graduando na universidade de Franca - Unifran
E-mail: juanmonteiro1313@gmail.com

José Joceilson Cruz de Assis
Formado pela Faculdade de Medicina Nova Esperança - FAMENE - PB
Pós-Graduado em: Pediatria, Neonatologia, Urgência e Emergência Pediátrica, UTI Pediátrica e Neonatal.
E-mail: jocecruzassis@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3405-7422/print

Karine Lima de Andrade
Graduada pela Faculdade Integrada Aparício Carvalho-FIMCA
E-mail: karine_cax@hotmail.com

Yan Freire de Paula
Graduado pela Uniatenas campus Paracatu-MG
E-mail: Yanfreiredepaula@gmail.com

Jordana Vitória Fernandes Gomes
Graduada pela Universidad de Aquino Bolivia - UDABOL
E-mail: jvfernandes.es@gmail.com

Loan Miguel Tenório de Oliveira
Graduado na universidad Franz tamayo - unifranz revalidado pela unir - RO
E-mail: lmtoliveiramed@gmail.com

Laura Gabriela Mota Lage Domingues Teixeira
Médica pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal
Pós Graduada em Psiquiatria- Faculdade Gaucha
E-mail: dra.lauragabriela@gmail.com

Harrison Oliveira Santiago
Graduado em Medicina pela (Universidade Estadual de Santa Cruz) - (UESC)
E-mail: harrison_oliveira@hotmail.com

Marcelo Salomão Aros
Médico Psiquiatra
Orientador
Docente do curso de Medicina da Universidade de Franca (UNIFRAN)
E-mail: salomaoaros@gmail.com

RESUMO

Objetivo: Este estudo busca examinar a literatura científica referente ao Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) em crianças e adolescentes. O foco está na identificação dos principais sinais clínicos da condição e nas doenças associadas que frequentemente acompanham esse transtorno. **Metodologia:** A pesquisa foi conduzida a partir de consultas na base de dados PubMed Central (PMC). Para a seleção dos artigos, foram utilizados três termos-chave combinados pelo operador booleano "AND": manifestações clínicas, transtorno de personalidade antissocial, criança, transtorno de conduta e pediatria, transtornos mentais. Inicialmente, foram encontrados 371 estudos, que passaram por um processo de triagem com base em critérios pré-estabelecidos, resultando na seleção final de 17 artigos. **Resultados:** O TPAS em indivíduos jovens manifesta-se por padrões persistentes de comportamento que desrespeitam normas sociais e os direitos de terceiros, incluindo atitudes agressivas, danos a bens materiais e manipulação interpessoal. Entre as condições frequentemente associadas, destacam-se o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), o Transtorno de Conduta e a redução do volume de substância cinzenta em áreas cerebrais como a amígdala e estruturas límbicas. Outros fatores que elevam o risco incluem exposição prolongada a ambientes violentos, histórico de abuso e negligência infantil, bem como lesões ou alterações no funcionamento do sistema nervoso central. **Conclusão:** O TPAS possui diversas comorbidades que podem agravar comportamentos problemáticos e dificultar estratégias eficazes de intervenção. O reconhecimento precoce do transtorno e abordagens multifacetadas são fundamentais para minimizar o desenvolvimento de condutas antissociais e favorecer um crescimento emocional e social saudável. Políticas públicas voltadas à saúde mental infantil e campanhas de conscientização desempenham um papel essencial na redução do estigma em torno dos transtornos psiquiátricos e no incentivo à busca por apoio especializado.

Palavras-chave: Transtorno de Personalidade Antissocial. Comorbidades. Manifestações clínicas. Crianças. Adolescentes.

ABSTRACT

Objective: This study aims to examine the scientific literature on Antisocial Personality Disorder (APD) in children and adolescents. The focus is on identifying the main clinical signs of the condition and the associated diseases that often accompany this disorder. **Methodology:** The research was conducted based on consultations in the PubMed Central (PMC) database. Three key terms combined by the Boolean operator “AND” were used to select the articles: clinical manifestations, antisocial personality disorder, child, conduct disorder, and pediatrics, mental disorders. Initially, 371 studies were found, which underwent a screening process based on pre-established criteria, resulting in the final selection of 17 articles. **Results:** ASPD in young individuals manifests itself through persistent patterns of behavior that disregard social norms and the rights of others, including aggressive attitudes, damage to property, and interpersonal manipulation. Among the conditions frequently associated with it are Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD), Conduct Disorder, and reduced gray matter

volume in brain areas such as the amygdala and limbic structures. Other risk factors include prolonged exposure to violent environments, a history of child abuse and neglect, and injuries or alterations in the functioning of the central nervous system. **Conclusion:** PASD has several comorbidities that can aggravate problematic behaviors and hinder effective intervention strategies. Early recognition of the disorder and multifaceted approaches are essential to minimize the development of antisocial behavior and promote healthy emotional and social growth. Public policies focused on children's mental health and awareness campaigns play an essential role in reducing the stigma surrounding psychiatric disorders and encouraging the search for specialized support.

Keywords: Antisocial Personality Disorder. Comorbidities. Clinical manifestations. Children. Adolescents.

RESUMEN

Objetivo: Este estudio busca examinar la literatura científica relativa al trastorno de personalidad antisocial (TPAS) en niños y adolescentes. Se centra en la identificación de los principales signos clínicos de la afección y en las enfermedades asociadas que suelen acompañar a este trastorno. **Metodología:** La investigación se llevó a cabo a partir de consultas en la base de datos PubMed Central (PMC). Para la selección de los artículos se utilizaron tres términos clave combinados por el operador booleano «AND»: manifestaciones clínicas, trastorno de personalidad antisocial, niño, trastorno de conducta y pediatría, trastornos mentales. Inicialmente, se encontraron 371 estudios, que se sometieron a un proceso de selección basado en criterios preestablecidos, lo que dio como resultado la selección final de 17 artículos. **Resultados:** El TPAS en individuos jóvenes se manifiesta por patrones persistentes de comportamiento que no respetan las normas sociales y los derechos de terceros, incluyendo actitudes agresivas, daños a bienes materiales y manipulación interpersonal. Entre las afecciones frecuentemente asociadas, destacan el trastorno por déficit de atención e hiperactividad (TDAH), el trastorno de conducta y la reducción del volumen de materia gris en áreas cerebrales como la amígdala y las estructuras límbicas. Otros factores que aumentan el riesgo son la exposición prolongada a entornos violentos, los antecedentes de abuso y negligencia infantil, así como las lesiones o alteraciones en el funcionamiento del sistema nervioso central. **Conclusión:** El TPAS tiene varias comorbilidades que pueden agravar los comportamientos problemáticos y dificultar las estrategias de intervención eficaces. El reconocimiento temprano del trastorno y los enfoques multifacéticos son fundamentales para minimizar el desarrollo de conductas antisociales y favorecer un crecimiento emocional y social saludable. Las políticas públicas orientadas a la salud mental infantil y las campañas de sensibilización desempeñan un papel esencial en la reducción del estigma en torno a los trastornos psiquiátricos y en el fomento de la búsqueda de apoyo especializado.

Palabras clave: Trastorno de personalidad antisocial. Comorbilidades. Manifestaciones clínicas. Niños. Adolescentes.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) tem sido objeto de grande interesse no campo da psicologia e psiquiatria, especialmente pela manifestação precoce de seus traços na infância e adolescência. Historicamente, o conceito de psicopatia era associado apenas a adultos, mas atualmente há um reconhecimento crescente de que esses traços podem surgir em fases iniciais do desenvolvimento, o que reforça a importância de um estudo aprofundado sobre suas manifestações em populações pediátricas (REVISTA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - REVIVA, 2023).

No *Compêndio de Psiquiatria Kaplan e Sadock* (2022, p. 45), destaca-se que o diagnóstico de psicopatia não é aplicado a crianças. Em vez disso, é utilizado o transtorno de conduta, identificado na infância e adolescência, caracterizado por padrões persistentes de comportamento que desrespeitam normas sociais e os direitos de terceiros. Esses comportamentos incluem agressividade, destruição de propriedade e manipulação. Crianças diagnosticadas com transtorno de conduta apresentam um risco elevado de desenvolver psicopatia na vida adulta, embora o diagnóstico formal de psicopatia seja reservado para indivíduos adultos (Kaplan; Sadock, 2017, p. 45). Assim, o transtorno de conduta desempenha um papel fundamental na identificação precoce de padrões que podem evoluir para TPAS (JORNAL DA USP, 2021).

O diagnóstico de psicopatia em jovens enfrenta desafios significativos. Cleckley (1940) já apontava que esse transtorno de personalidade apresenta raízes na infância e adolescência. No entanto, pesquisadores como McCord e McCord, na década de 1960, observaram que as características da psicopatia em populações jovens diferem daquelas encontradas em adultos, dificultando sua classificação e gerando confusões conceituais (DAVOGLIO et al., 2012). Além disso, a dificuldade em distinguir comportamentos típicos da adolescência daqueles que podem sinalizar um transtorno de personalidade é um obstáculo diagnóstico importante. Seagrave e Grisso (2002) defendem que, embora alguns traços psicopáticos possam estar presentes em adolescentes, muitos deles são comuns ao desenvolvimento juvenil e não devem ser considerados indicadores definitivos de psicopatia (DAVOGLIO et al., 2012). A ausência de ferramentas diagnósticas validadas para populações jovens e a variabilidade dos traços psicopáticos ao longo do tempo tornam essa avaliação ainda mais complexa.

A prevalência do TPAS demonstra sua relevância clínica. Estima-se que a condição afete entre 1% e 2% da população mundial, ou seja, aproximadamente uma pessoa a cada cem, o que, no Brasil, corresponderia a cerca de 2 a 4 milhões de indivíduos (JORNAL DA USP, 2021). Nos Estados Unidos, as taxas de transtorno de conduta variam entre 6% e 16% para homens e entre 2% e 9% para mulheres. Esse transtorno é mais frequente entre filhos de pais com transtorno de personalidade antissocial e dependência de álcool, além de estar associado a fatores socioeconômicos e à presença de psicopatologia parental (ENGLER et al., 2022).

O objetivo deste trabalho é realizar uma revisão da literatura sobre o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) em populações pediátricas, buscando compreender melhor suas manifestações precoces. Por meio da análise da literatura existente, pretende-se identificar os desafios diagnósticos, a eficácia dos instrumentos utilizados e a epidemiologia do TPAS, diferenciando comportamentos típicos da adolescência daqueles que indicam um transtorno de personalidade. A partir desse conhecimento, espera-se contribuir para o desenvolvimento de novas ferramentas diagnósticas e intervenções baseadas em evidências, prevenindo a evolução do transtorno de conduta para TPAS na vida adulta e promovendo um manejo mais eficiente desde a infância.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa consiste em uma revisão sistemática sobre os aspectos clínicos do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) em crianças e adolescentes. O objetivo é aprofundar o conhecimento sobre a sintomatologia e diagnóstico desse transtorno, além de identificar suas principais comorbidades. A questão norteadora foi elaborada com base na estratégia PVO (População, Variável e Objetivo): *Quais são as manifestações clínicas do Transtorno de Personalidade Antissocial em crianças e adolescentes, bem como suas possíveis comorbidades?*

A busca foi realizada na base de dados PubMed Central (PMC), utilizando três descritores combinados pelo operador booleano "AND": *clinical manifestations*, *antisocial personality disorder*, *child*, *conduct disorder*, *pediatrics* e *mental disorders*. A estratégia utilizada na pesquisa foi: *(clinical manifestations) AND (antisocial personality disorder) AND (child) AND (conduct disorder) AND (pediatrics) AND (mental disorders)*. A partir dessa busca, foram identificados 371 artigos, que foram submetidos a critérios de seleção.

Os critérios de inclusão consideraram artigos publicados em inglês, português e espanhol, entre 2019 e 2023, que abordavam os temas centrais da pesquisa. Foram incluídos estudos de revisão, observacionais e experimentais, disponíveis integralmente. Os critérios de exclusão abrangeram artigos duplicados, resumos sem texto completo, pesquisas que não tratavam diretamente da temática proposta e que não atendiam aos demais critérios de inclusão. Após a aplicação dos critérios de seleção, foram escolhidos 17 artigos, sendo 14 utilizados para compor a coletânea e 11 para a análise crítica da revisão sistemática.

3 DISCUSSÃO

A etiologia do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) envolve múltiplos fatores, incluindo impulsividade, histórico de maus-tratos na infância, supervisão parental inadequada e disciplina severa. Além disso, aspectos como baixo desempenho escolar e menor capacidade cognitiva também são elementos de risco relevantes. O ambiente familiar desempenha um papel fundamental,

especialmente quando há conflitos persistentes, separações litigiosas ou transtornos psicológicos nos pais, contribuindo para o desenvolvimento do transtorno. Estudos indicam que tanto fatores genéticos quanto influências ambientais afetam significativamente a manifestação do transtorno de conduta (ENGLER et al., 2022).

Aspectos socioculturais também são determinantes. Crianças e adolescentes que vivem em áreas densamente povoadas, em lares com alta vulnerabilidade econômica ou sem rede de apoio comunitário, apresentam maior risco de desenvolver padrões comportamentais antissociais. O envolvimento precoce com substâncias como álcool e drogas está intimamente ligado a comportamentos agressivos e delinquentes (POORE et al., 2020).

Já os fatores psicológicos se relacionam à dificuldade de autorregulação emocional, frequentemente observada entre jovens que apresentam transtorno de conduta. Níveis elevados de agressividade e impulsividade estão associados à dificuldade de adaptação social (HANNIGAN et al., 2021). Além disso, pesquisas apontam que crianças diagnosticadas com esse transtorno apresentam redução na quantidade de matéria cinzenta em regiões cerebrais responsáveis pelo processamento emocional, como a amígdala e as estruturas límbicas (PERLSTEIN et al., 2022). Outro fator de risco relevante é a exposição contínua a ambientes violentos, negligência e abuso na infância, que podem agravar a predisposição a comportamentos agressivos (MAGALOTTI et al., 2019).

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) frequentemente precede o transtorno de conduta e pode estar relacionado ao desenvolvimento de padrões de comportamento impulsivo, além do aumento da vulnerabilidade ao uso de substâncias. Além disso, disfunções neurológicas ou lesões cerebrais contribuem para alterações no controle da impulsividade (NAAIJEN et al., 2020).

Nas fases iniciais da vida, comportamentos que violam normas sociais e prejudicam terceiros são frequentemente enquadrados no diagnóstico de transtorno de conduta. Entre os sinais característicos, destacam-se a agressividade, enganos e atos de crueldade. Em adultos, esses padrões podem evoluir para TPAS, condição frequentemente relacionada à psicopatia. Embora os critérios diagnósticos se modifiquem ao longo do tempo, a essência dos comportamentos antissociais permanece (KOHLS et al., 2020).

Dessa forma, o diagnóstico de psicopatia em crianças e adolescentes é complexo e não é formalmente utilizado, dada a sobreposição entre traços típicos da adolescência e comportamentos psicopáticos. A inexistência de ferramentas diagnósticas plenamente validadas para essa faixa etária reforça a necessidade de abordagens cuidadosas na análise desses casos (KOHLS et al., 2020).

A psicopatia, frequentemente associada ao TPAS, é um transtorno de personalidade caracterizado por baixa empatia, manipulação, impulsividade e desprezo por normas sociais. Em crianças, essas características podem se manifestar de maneira diferente daquelas observadas em

adultos. Jovens com traços psicopáticos tendem a demonstrar ausência de remorso ou culpa após comportamentos prejudiciais, o que dificulta a aprendizagem por meio das consequências negativas (KOHLS et al., 2020).

A frieza emocional também é um elemento central desse quadro. Crianças com traços psicopáticos apresentam dificuldades em identificar e reagir adequadamente às emoções dos outros, como tristeza ou dor, podendo demonstrar agressividade e comportamento violento sem sinais de arrependimento. A ausência de emoções negativas costuma estar associada a impulsividade e atitudes desafiadoras (POORE et al., 2020).

Outro aspecto relevante é a impulsividade extrema, que pode levar a ações de alto risco e dificuldades no controle emocional. Durante a adolescência, esses comportamentos tendem a se intensificar à medida que os jovens exploram limites e se envolvem em atividades potencialmente perigosas (POORE et al., 2020). A combinação entre impulsividade e falta de empatia pode perpetuar ciclos de comportamentos problemáticos ao longo do desenvolvimento.

É importante enfatizar que a psicopatia infantil não deve ser vista simplesmente como uma versão precoce do TPAS. Os padrões comportamentais podem variar e não se enquadram sempre nas definições tradicionais de transtorno de conduta ou comportamento desviante. A complexidade da psicopatia nessa fase da vida exige avaliações criteriosas, levando em conta o contexto do desenvolvimento infantil e sua plasticidade (PERLSTEIN et al., 2022).

A ausência de remorso compromete a capacidade dessas crianças de desenvolver habilidades sociais e emocionais adequadas. A irritabilidade e a tendência a explosões de raiva também são características frequentemente observadas, tornando essencial a implementação de intervenções voltadas à autorregulação emocional (PERLSTEIN et al., 2022).

Além disso, crianças com traços psicopáticos podem apresentar comportamentos manipuladores e aparente charme superficial. Elas frequentemente usam estratégias para alcançar benefícios pessoais, enganando e influenciando terceiros, o que dificulta sua identificação (POORE et al., 2020). Por esse motivo, algumas podem parecer socialmente ajustadas em determinadas circunstâncias, ao mesmo tempo que mantêm comportamentos prejudiciais em outros contextos.

A psicopatia na infância raramente ocorre de forma isolada e pode estar associada a comorbidades como TDAH e transtorno de conduta, dificultando o diagnóstico e o manejo clínico (BIEDERMAN et al., 2020). A presença dessas condições pode agravar padrões antissociais e tornar a intervenção mais desafiadora.

Para garantir abordagens terapêuticas eficazes, é essencial compreender os traços psicopáticos na infância e adolescência, visando estratégias de prevenção e tratamento precoce. A participação ativa da sociedade e das instituições educacionais é crucial para a identificação e o suporte às crianças que

apresentam esses padrões comportamentais, promovendo um desenvolvimento emocional mais equilibrado e saudável.

O ambiente familiar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de traços psicopáticos em crianças. Estudos sugerem que lares disfuncionais, caracterizados por abuso, negligência ou falta de supervisão, estão associados a um aumento do risco de comportamentos antissociais (KOHLS et al., 2020). A presença de padrões parentais inconsistentes, como disciplina severa alternada com indulgência, pode contribuir para a formação de características psicopáticas nas crianças (ENGLER et al., 2022). Essa dinâmica enfatiza a importância de intervenções que abordem tanto a criança quanto sua família, promovendo um ambiente mais saudável e favorável ao desenvolvimento emocional. A influência dos pares também deve ser considerada. As interações sociais com outras crianças podem moldar comportamentos e atitudes. A exposição a grupos que promovem comportamentos antissociais pode intensificar traços psicopáticos e aumentar a probabilidade de comportamentos problemáticos (PERLSTEIN et al., 2022). Portanto, é fundamental que educadores e profissionais de saúde mental considerem o contexto social e as influências dos pares ao avaliar e tratar crianças com traços psicopáticos. Além disso, a questão da criminalidade juvenil não pode ser ignorada. Muitos jovens que desenvolvem comportamentos psicopáticos acabam se envolvendo em atividades criminosas, criando um ciclo de delinquência que pode ser difícil de quebrar. O entendimento dos fatores que levam a essa criminalidade é essencial para o desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção eficazes (HAWES et al., 2021).

A avaliação da psicopatia em crianças, particularmente no contexto do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS), é um desafio clínico devido à sobreposição de sintomas com outros transtornos psiquiátricos, como o Transtorno de Conduta e o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) (HANNIGAN et al., 2021). Uma das ferramentas utilizadas para identificar traços psicopáticos em jovens é o *Antisocial Process Screening Device* (APSD), que avalia padrões de comportamento como insensibilidade emocional, impulsividade e manipulação (MAGALOTTI et al., 2019).

Apesar da utilidade do APSD, o diagnóstico da psicopatia em crianças deve ser realizado com cautela. A rotulação prematura pode gerar impactos negativos, incluindo estigmatização e exclusão social (KOHLS et al., 2020). Dessa forma, os profissionais de saúde mental devem adotar uma abordagem equilibrada, considerando não apenas os sintomas observados, mas também os contextos familiares, sociais e educacionais em que a criança está inserida.

A detecção precoce de traços psicopáticos é fundamental para viabilizar intervenções que minimizem impactos futuros. A triagem em ambientes escolares e clínicos pode ser uma estratégia eficaz para identificar crianças em risco e implementar planos de intervenção adequados (PERLSTEIN et al., 2022). Além disso, a capacitação contínua de profissionais da saúde e educadores é essencial

para garantir que os métodos diagnósticos e de intervenção sejam embasados cientificamente. O treinamento desses profissionais deve incluir o reconhecimento de sinais de alerta e a aplicação das melhores práticas para lidar com crianças que apresentam comportamentos antissociais.

O tratamento da psicopatia infantil requer abordagens multidimensionais, combinando estratégias terapêuticas e suporte familiar. A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) é uma das intervenções mais eficazes, auxiliando crianças a desenvolver habilidades sociais, aprimorar a regulação emocional e modificar padrões de pensamento disfuncionais (BIEDERMAN et al., 2020). Adaptada para esse público, a TCC pode enfatizar aspectos como empatia, resolução de conflitos e comportamentos pró-sociais.

Além das terapias individuais, programas de intervenção precoce são essenciais para mitigar comportamentos problemáticos. Esses programas incluem treinamentos para pais e educadores, capacitando-os a identificar sinais de alerta e a adotar estratégias de apoio eficazes (ENGLER et al., 2022). O envolvimento ativo dos pais é um fator determinante para a mudança de comportamento das crianças, visto que um ambiente familiar positivo favorece o desenvolvimento emocional saudável.

O ambiente escolar também desempenha um papel crucial na contenção de comportamentos antissociais. Escolas que implementam programas de prevenção ao bullying e promovem a inclusão social contribuem para reduzir o risco de desenvolvimento de psicopatia na infância (HAWES et al., 2021). A colaboração entre profissionais da saúde mental, educadores e famílias pode proporcionar um suporte abrangente para crianças em risco, assegurando que recebam a atenção necessária em todos os âmbitos de suas vidas.

Além disso, o incentivo à prática de atividades físicas e esportivas pode ter um impacto positivo na regulação emocional e no desenvolvimento de habilidades sociais. Participar de atividades em grupo ajuda crianças a aprenderem a respeitar regras, trabalhar em equipe e desenvolver empatia, aspectos fundamentais na redução de comportamentos impulsivos e agressivos (POORE et al., 2020).

O ambiente escolar é um dos principais espaços para a identificação precoce de comportamentos psicopáticos. Professores e educadores estão em posição privilegiada para observar padrões de interação social e acadêmica que podem indicar risco para o desenvolvimento de TPAS. Por isso, a implementação de programas de conscientização sobre saúde mental nas escolas pode ser uma estratégia eficaz para capacitar educadores na identificação e manejo de comportamentos problemáticos (PERLSTEIN et al., 2022).

A formação de equipes multidisciplinares nas escolas, compostas por psicólogos, assistentes sociais e professores, pode fornecer suporte especializado para crianças com traços psicopáticos. Esse modelo integrado permite o desenvolvimento de estratégias personalizadas, abordando as necessidades individuais dos alunos e promovendo um ambiente escolar seguro e acolhedor.

Além das abordagens clínicas, programas educacionais voltados ao ensino de habilidades socioemocionais podem contribuir significativamente para o desenvolvimento emocional das crianças. Essas iniciativas incluem atividades que enfatizam empatia, resolução de conflitos e trabalho em equipe, ajudando a construir relacionamentos saudáveis e respeitosos desde a infância (HAWES et al., 2021).

O desenvolvimento de políticas públicas voltadas à saúde mental infantil é essencial para reduzir os fatores de risco relacionados ao surgimento de traços psicopáticos. Investir em programas de prevenção e intervenção contribui para mitigar os efeitos da violência, do abuso e da negligência, criando um ambiente mais seguro para o desenvolvimento saudável das crianças (KLEINE DETERS et al., 2023).

A colaboração entre governos, organizações não governamentais e comunidades desempenha um papel crucial na construção de uma rede de proteção eficaz. Campanhas de conscientização podem auxiliar na desestigmatização dos transtornos mentais, incentivando famílias a buscar apoio profissional sem receios ou preconceitos. A sociedade precisa estimular discussões abertas sobre saúde emocional e comportamental, promovendo uma cultura de cuidado e acolhimento (KLEINE DETERS et al., 2023).

A mudança na forma como a saúde mental é percebida e tratada é fundamental para prevenir comportamentos antissociais e garantir o bem-estar das crianças. Estratégias educativas, políticas inclusivas e acesso facilitado a serviços especializados são elementos-chave para esse processo.

As manifestações da psicopatia em crianças não ocorrem isoladamente, mas são influenciadas pelo contexto cultural e social no qual estão inseridas. Normas, valores e crenças de cada sociedade moldam a percepção e o tratamento do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) (NAAIJEN et al., 2020).

Em algumas culturas, comportamentos antissociais podem ser relativizados ou interpretados de maneira menos severa, enquanto em outras são prontamente condenados. Essas diferenças reforçam a necessidade de abordagens sensíveis às variações culturais ao tratar crianças com traços psicopáticos.

Além disso, aspectos sociais, como desigualdade econômica e exposição à violência comunitária, podem impactar significativamente o desenvolvimento de padrões comportamentais antissociais. Crianças que crescem em ambientes vulneráveis apresentam maior predisposição a desenvolver comportamentos problemáticos. Dessa forma, compreender a psicopatia infantil exige um olhar atento para o contexto sociocultural, garantindo intervenções adaptadas às realidades dessas populações (POORE et al., 2020).

A investigação sobre psicopatia na infância e adolescência ainda é um campo em evolução. A ampliação de estudos sobre fatores de risco, manifestações e abordagens terapêuticas pode contribuir para estratégias mais eficazes no manejo desses casos (BIEDERMAN et al., 2020).

A coleta de dados epidemiológicos sobre a prevalência da psicopatia infantil em diferentes populações pode fornecer insights fundamentais para o desenvolvimento de políticas públicas mais precisas. Além disso, a interdisciplinaridade na pesquisa — envolvendo psicólogos, psiquiatras, educadores e profissionais de saúde — favorece uma compreensão mais completa dos desafios enfrentados por crianças que apresentam traços psicopáticos (KLEINE DETERS et al., 2023).

O compartilhamento de conhecimento entre diferentes áreas do saber pode impulsionar a criação de novas ferramentas diagnósticas e de intervenção, aprimorando o atendimento e o suporte oferecido a essas crianças.

O avanço no tratamento da psicopatia infantil exige uma abordagem que vá além da resposta imediata a comportamentos antissociais. O foco deve estar na identificação precoce dos sinais, no suporte familiar e na criação de ambientes favoráveis ao desenvolvimento saudável (PERLSTEIN et al., 2022).

As intervenções precisam ser fundamentadas em evidências científicas e adaptadas às particularidades de cada criança, levando em consideração sua trajetória de vida e contexto social. Dessa forma, é possível proporcionar suporte adequado e evitar que padrões de comportamento antissociais se consolidem.

Além da assistência clínica, a educação sobre saúde mental deve ser fortalecida nas escolas e comunidades. O esclarecimento sobre psicopatia e transtornos comportamentais contribui para reduzir estigmas e promover uma visão mais precisa sobre esses desafios (HAWES et al., 2021).

A sensibilização deve envolver não apenas profissionais da saúde, mas também pais, educadores e toda a comunidade, criando um ambiente de apoio e compreensão. Esse esforço coletivo pode transformar a forma como a sociedade lida com a psicopatia infantil, garantindo um futuro mais equilibrado para essas crianças.

4 CONCLUSÃO

A revisão sistemática sobre o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) em crianças e adolescentes evidencia sua complexidade e os múltiplos fatores que influenciam seu desenvolvimento. A impulsividade, a exposição a maus-tratos na infância e a vivência em ambientes familiares disfuncionais figuram entre os principais fatores de risco. Além disso, aspectos socioculturais e a influência dos pares desempenham um papel relevante na manifestação do transtorno.

A identificação precoce e a implementação de intervenções adequadas são essenciais para minimizar comportamentos antissociais e promover um desenvolvimento mais saudável. Estratégias como a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), aliadas a programas de capacitação para pais e educadores, são fundamentais para auxiliar no manejo da condição.

O ambiente escolar desempenha um papel crucial no diagnóstico e na intervenção, sendo um espaço privilegiado para a promoção de iniciativas voltadas à prevenção do bullying e à inclusão social. Além disso, políticas públicas voltadas para a saúde mental infantil e campanhas de conscientização são indispensáveis para combater o estigma em torno dos transtornos mentais e encorajar a busca por assistência especializada.

Por fim, a continuidade da pesquisa na área se faz necessária para aprofundar a compreensão dos fatores de risco, das manifestações clínicas e das abordagens terapêuticas mais eficazes. A construção de um modelo de intervenção integrado, que envolva família, escola, sociedade e políticas públicas, é essencial para garantir um manejo eficaz do TPAS e possibilitar um desenvolvimento emocional e social mais equilibrado.

REFERÊNCIAS

BIEDERMAN, J. et al. Can the Child Behavior Checklist (CBCL) help characterize the types of psychopathologic conditions driving child psychiatry referrals? Scandinavian Journal of Child and Adolescent Psychiatry and Psychology, v. 8, n. 1, p. 157-165, 2020.

DAVOGLIO, T. R. et al. Personalidade e psicopatia: implicações diagnósticas na infância e adolescência. Estudos de Psicologia (Natal), v. 17, p. 453-460, 2012.

ENGLER, A. D. et al. A systematic review of mental health disorders of children in foster care. Trauma, Violence, & Abuse, v. 23, n. 1, p. 255-264, 2022.

HANNIGAN, L. J. et al. Genetic liability for schizophrenia and childhood psychopathology in the general population. Schizophrenia Bulletin, v. 47, n. 4, p. 1179-1189, 2021.

HAWES, S. W. et al. Reward processing in children with disruptive behavior disorders and callousunemotional traits in the ABCD study. American Journal of Psychiatry, v. 178, n. 4, p. 333-342, 2021.

JORNAL DA USP. Transtorno da personalidade antissocial pode atingir entre 1% e 2% da população mundial. Campus Ribeirão Preto, 2021. Disponível em: https://jornal.usp.br/?p=417238. Acesso em: 22 out. 2024.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J. Compêndio de Psiquiatria: Ciências Comportamentais e Psiquiatria Clínica. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

KLEINE DETERS, R. et al. Emotion recognition profiles in clusters of youth based on levels of callous-unemotional traits and reactive and proactive aggression. European Child & Adolescent Psychiatry, v. 32, n. 12, p. 2415-2425, 2023.

KOHL, G. et al. Investigating sex differences in emotion recognition, learning, and regulation among youths with conduct disorder. Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, v. 59, n. 2, p. 263-273, 2020.

MAGALOTTI, S. R. et al. Understanding chronic aggression and its treatment in children and adolescents. Current Psychiatry Reports, v. 21, p. 1-12, 2019.

NAAIJEN, J. et al. Specific cortical and subcortical alterations for reactive and proactive aggression in children and adolescents with disruptive behavior. Neuroimage: Clinical, v. 27, p. 102344, 2020.

PERLSTEIN, S. et al. Low social affiliation predicts increases in callous-unemotional behaviors in early childhood. Journal of Child Psychology and Psychiatry, v. 63, n. 1, p. 109-117, 2022.

POORE, H. E. et al. Construct validity of youth psychopathic traits as assessed by the Antisocial Process Screening Device. Psychological Assessment, v. 32, n. 6, p. 527, 2020.

REVISTA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - REVIVA. Estudo sobre a epidemiologia do Transtorno de Personalidade Antissocial em pacientes pediátricos. Revistas UCEFF, v. 12, n. 3, p. 45-56, 2023.